



a mecânica das pontes





a mecânica das pontes

brisa paim

TRAJES
L NARES





COPYRIGHT © 2021 BY BRISA PAIM

EDITORES RESPONSÁVEIS

Luiz Farias

Nando Magalhães

Nilton Resende

CAPA

Nataska Conrado

IMAGEM

Intervenção sobre obras Rede e Elo, de Lula Ribeiro, 2021, técnica mista, 10,5 x 14,85 cm

Coleção pessoal

DIAGRAMAÇÃO

Ulysses Ribas

EDIÇÃO

Nilton Resende

REVISÃO

Carol Almeida e Nilton Resende

Catálogo na fonte

Departamento de Tratamento Técnico da Editora Trajes

P143m Paim, Brisa.
A mecânica das pontes / Brisa Paim. – Maceió : Trajes Lunares, 2021.
148 p.

ISBN: 978-65-87894-04-1.

1. Literatura brasileira. 2. Romance brasileiro. 3. Literatura alagoana.
I. Título.

CDU: 869.0(81)-31

Elaborada por Fernanda Lins de Lima – CRB – 4/1717

[2021]

1ª EDIÇÃO

TRAJES LUNARES

WWW.TRAJESEDITORA.COM.BR

TRAJESEDITORA@GMAIL.COM.BR

ALAGOAS/BRASIL





*o tempo: sempre o sopro
etéreo sobre os pagos, sobre as rêgias do vento,
do montuoso vento --*
Mário Faustino





DEUS-DIABO

Jogada na poltrona amarela ela esperaria o dia nascer iniciando a nova trilha solitária do futuro, com quantas vidas dá para medir o tamanho de uma noite, perguntaria em voz baixa, já sabendo que a resposta, à primeira vista, era tão fácil quanto dois e dois são quatro, uma noite é do tamanho de uma vida, qualquer pessoa afirmaria assim que visse as peças que restavam ainda de pé no tabuleiro, um para um é a proporção perfeita, ajustada; mas ela bem sabia que não era assim tão simples o resultado desse cálculo, e que contar apenas as peças resistentes, naquele caso, seria o mesmo que querer enfiar dois mil botões numa casa tão estreita quanto a boca de um rato. Há muitas variantes a serem consideradas em uma noite infinita como aquela, nas quinas do apartamento nada era direto ou rápido, e por ter tantas variantes é que a versão final da história era quase impossível de explicar: já não havia ali nem a sombra do urso arfante, pirata perdido ou garoto, mas o homem e a mulher eram ainda os mesmos gato e rato um do outro: ele pisando alto com a boca cheia de silêncio, roendo-lhe na memória o ílio, o sacro, o úmero, a ilharga, ela mordendo a isca numa onda cada vez mais esfomeada, espichando-se nos coturnos, nos degraus daquela escada, e subindo e descendo nas mãos do homem, e emergindo numa nuvem densa de saliva, tabaco mentolado e vinho velho, mas apenas para voltar a mastigar e deixar-se morder bem por fora e pelo avesso, enrolando-se e esticando-se a cada bote, quase já sem oxigênio.

Dizer isso às pessoas, ela sabia, era borrifá-los com um belo lastro de palavras moles, que lutavam aos socos com o vento.





O que mais a agoniava é que mesmo agora, com tudo resolvido e terminado, ela ainda nem sequer sabia como haveria de juntar os pontos. Pondo os fatos e as lembranças lado a lado, não restava ordem lógica ou perfeita, não importava o tipo doido de equação que a mulher decidisse arrumar, cada um daqueles lados se limitava a abrir, do seu próprio jeito, portas que há muito o outro já havia trancado. Mas dentro da cabeça, ah! Estava tudo ali, finalmente, cada peça no seu posto. Porque quando ela conseguia não tentar contar a história pronta para si mesma, era a verdade que saltava nuazinha, pulando logo para o lado de cá. Seria tão mais simples a vida, ela pensa, se não ficassemos o tempo todo prestando explicação do que não dá para explicar: por mais que se queira, por mais que se goste, cuidar de alguém doente não é mole, quem é que não sabe disso? Nem esse, nem nenhum dos outros caminhos, fosse curto, fosse comprido, conseguia terminar lisinho, completamente livre de imprevistos. O aberto do futuro é um peso impossível de pesar, não tem balança que agüente. E mesmo assim ela seria obrigada a explicar mais uma vez o óbvio: é, é isso o que acontece quando a fruta amolece e perde o viço e começa a cheirar a podre, já não serve para suco nem sequer para doce, já nada se aproveita, só lhe resta mesmo o lixo. E as pessoas ficariam tão chocadas quando soubessem que o destino fatal de um rio é desaguar no mar, oh, mas quanta surpresa!, nenhuma fruta podre dá pra doce, ainda que o óbvio seja, para alguns, algo incompreensível, quase místico.

Que sortuda ela seria se conseguisse escapulir daquela noite ilesa, fugindo à ladainha dos coitados piedosos, para tudo quanto é caso têm receita, não há miséria que não fuçem: por que será que nenhum desses grandes piedosos havia estado lá, a mulher questiona, emborcando o copo d'água





já bem temperado com umas doses caprichadas de sonífero, ouvindo o sol começando a aquecer os vidros. Pois é, nenhum dos santos piedosos tinha estado lá para segurar a escada, de modo a evitar que ela caísse. Enquanto tentava colher a fruta madura, ainda a tempo, do mais alto do pomar.

